



DEPARTAMENTO DE ENSINO E INVESTIGAÇÃO DE HISTÓRIA

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MANUEL LINO JAPÃO

O FOMENTO DO REINO DE TCHINGOLO

CAÁLA/2023

MANUEL LINO JAPÃO

O FOMENTO DO REINO DE TCHINGOLO

Relatório do PFC apresentado ao Instituto Superior Politécnico da Caála, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura em História

Tutor: Mário Chiendongo Vasco, Lic

CAÁLA/2023

Dedico este trabalho do fim de curso aos meus deuses (pais), que apesar de estarem sempre doentes, incentivaram-me dia após dias a não desistir. Que Deus lhes possa devolver rapidamente a saúde para que continuemos a trilhar enquanto respirarmos sobre a face desta terra.

AGRADECIMENTOS

Á Deus em primeiro lugar o galardoador da vida.

A minha família nuclear, aos pais, irmãos, a esposa e aos meus filhos que muitas das vezes os deixem passar fome, sem vestuário bonito e tantas outras coisas fruto da minha formação. As minhas primas que jogaram um papel muito preponderante que quando queria desistir ajudaram-me com suas ideias e que serviram –me bastante para este triunfo.

Aos meus grandes irmãos Marcelo de Jesus Martinho Fuandinga, Manuel Luís António Domingos, aos meus colegas incansáveis que com os seus incentivos resistimos até ao fim desta nossa formação. Em suma aos meus queridos professores: Mário Vasco, Anacleto Rodrigues Pessa Muecália, aos meus grandes amigos e professores Elias Colo e João Sicato Kandjo e a todos que de uma forma directa ou indirecta nos ajudaram, o nosso muito obrigado.

RESUMO

Neste projecto o reino de Tchingolo será descrito e analisado como uma organização siocultural e política de Angola, especificamente da etnia ovimbundu que tem como soberano o rei ou soma inene. Com base nas tradições sucessórias descrevemos suas relações com a cultura, a história, as simbologias e rituais que sustentam e fundamentam como uma da comunidade políticas reconhecida e liderada perante o estado e a comunidade na atualidade. Abordamos também o período em que o reino foi fundado, isto é, desde 1660, bem como os soberanos que ali passaram e a sua hegemonia enquanto reino. O mesmo ficou também conturbado fruto da ocupação e exploração colonial, bem como o período de conflito civil em que a Ombala ficou por um tempo sem o rei fruto do rapto tinha sofrido soberano António Moreira no período de 1983 á 2002. Por fim analisamos o actual reino de Tchingolo como reino que desde o ponto de vista político e tradicional relacionou-se sempre com o estado angolano.

Palavras-chave: Tchingolo, reino, soberania, sucessão

ABSTRAT

In this project, the kingdom of Tchingolo will be described and analyzed as a sociocultural and political organization of Angola, specifically of the Ovimbundu ethnic group, whose sovereign is the king or soma inene. Based on successive traditions, we describe its relationships with culture, history, symbols and rituals that support and base it as one of the political community recognized and led by the state and the community today. We also approach the period in which the kingdom was founded, that is, since 1660, as well as the sovereigns who passed there and their hegemony as a kingdom. where Ombala stayed for a while without theking fruit of the kidnapping had suffered sovereign António Moreira in the period from 1983 to 2002. Finally, we analyze the current kingdom of Tchingolo as a kingdom that, from a political and traditional point of view, has always been related to the Angolan state.

Keywords: Tchingolo, kingdom, sovereignty, succession

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMÁTICA	9
1.2 OBJECTIVO GERAL	9
1.3 OBJECTIVOS ESPECIFICOS.....	9
1.4 CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO	10
1.5 CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA	14
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-IMPÍRICA.....	15
2.1 ORIGEM DO REINO DE TCHINGOLO.....	15
2.2 ORGANIZAÇÃO POLÍTICA NO REINO DE TCHINGOLO.....	18
2.3 SANTUÁRIOS DO REINO DE TCHINGOLO	21
2.4 ACTIVIDADES CULTURAIS DO REINO	22
2.5 CORTE DO REINO DE TCHINGOLO	22
2.6 ACTIVIDADES ECONÓMICAS DO REINO DE TCHINGOLO.....	23
2.7 HÁBITOS E COSTUMES	24
2.8 RELAÇÃO DO REINO DE TCHINGOLO COM OUTROS REINOS	24
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	26
3.1 ENTREVISTA.....	26
3.2 MÉTODO CRITICO	26
3.3 MÉTODO QUANTITATIVO.....	26
3.4 MÉTODO ESTATÍSTICO	27
3.5 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO	27
3.5.1 Caracterização da amostra.....	27
3.6 DISTRIBUIÇÃO DOS SUJEITOS DA AMOSTRA POR GÉNERO.....	27
4. DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	28
4.1 NÍVEL DE CONHECIMENTO SOBRE O REINO	28
4.1.1 Como os entrevistados adquiriram conhecimento sobre o reino	29
5. PROPOSTAS DE SOLUÇÕES.....	30
6. CONCLUSÕES.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

APENDICE.....ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.

ANEXOS34

1. INTRODUÇÃO

No presente projecto, o reino de Tchingolo será descrito e analisado como uma organização sociocultural em Angola especificamente na tribo ovimbundo que tem como soberano António Moreira.

É um reino pertencente a tribo ovimbundo, para além dos demais reinos que compõem esta tribo, nomeadamente o reino do Mbalundo, Sambo, Tchiaka, e do Huambo. É um reino muito vasto desde o ponto de vista estrutural e de ritual contando com as ombalas grandes de Tchikualula, Tchicambi, para além das pequenas ombalas que auxiliam o poder tradicional.

Segundo Keita (2009) os povos Bantu mexeram bastante com o mapa geocultural e antropológico do continente, sobretudo na parte meridional.

O presente projecto está dividido em seis capítulos:

O primeiro capítulo, discorre sobre a caracterização geográfica do reino, no segundo tratamos da fundamentação teórica onde temos vários aspetos como a origem do reino, os santuários do reino bem como a organização política do mesmo, já no terceiro capítulo apresentamos o percurso metodológico que permitiu a realização da pesquisa, no quarto capítulo apresentamos os resultados e discussão da pesquisa, e no quinto apresentamos a proposta de soluções tendo em conta o problema em estudo e finalmente o sexto e último as conclusões.

1.1 Descrição da situação problemática

O pouco conhecimento do reino de Tchingolo por parte dos munícipes, uma vez que quase nada se sabe sobre o reino isto é desde a sua génese até aos dias de hoje.

1.2 Objectivo geral

Fomentar o reino de Tchingolo para o seu maior conhecimento e desenvolvimento.

1.3 Objectivos específicos

- a) Indicar os factores de base sobre o pouco conhecimento do reino, bem como para a sua publicação.
- b) Nomear os sítios históricos do reino de Tchingolo para a sua divulgação.

- c) Valorizar a construção de onjango, para expelhar os rituais, isto é máscaras, ovinganji, akokotos e os nomes dos soberanos a construção de residências dos sobas, bem como o palácio do rei.

1.4 Contribuições do trabalho

Com presente projecto pretendemos contribuir mais para a divulgação do reino, de todos os sítios importantes da Ombala para que a comunidade caalense e não só conheça o potencial da Ombala, bem como do poder tradicional que ela tem e desempenha dentro da comunidade. De lembram que este reino é um reino muito grande e muito poderoso desde o ponto de vista tradicional e que precisa de mais visibilidade para a sua valorização nas suas várias dimensões e no aprimoramento dos aspectos mais importantes do reino.

A descrição que aqui faremos é de grande importância, uma vez que o nosso objectivo específico é diagnosticar a organização do reino de tchingolo assim como as relações de poder em si mesmo com os órgãos administrativos da comuna da catata, bem como a implementação de actividades que catapultem o reino a atingir números elevados de conhecimentos por parte dos munícipes e a comunidade em particular. As análises que aqui são feitas é desde o ponto de vista cronológico, isto é, desde o século XVII, período da sua fundação e se estende até ao século XXI.

Segundo Santin e Teixeira (2009, p.6)

A instituição do poder tradicional como órgão integrante no Poder Local foi algo extremamente inovadora na Constituição da República angolana de 2010. Trata-se de reconhecer dignidade constitucional a uma realidade anteriormente já existente, na qual o costume ou direito consuetudinário das autoridades do poder tradicional orientam "desde sempre" na organização política comunitária angolana, sendo anteriores ao próprio Estado.

1.5 Caracterização geográfica

Quanto a limitação geográfica compreende a região da etnia ovimbundu, abrangendo as províncias do Huambo, Bié, Benguela e parte da Huila.

A ideia do “Local “que norteia a nossa abordagem dialoga com a defendida por Appadurai citado por SUNGO, (localidades são mundos de vidas constituídas por associações relativamente estáveis, histórias relativamente conhecidas compartilhadas, espaços e lugares reconhecíveis e coletivamente ocupados, APPADURAI, 1996, P46).

A etnia ovimbundu corresponde a 37% da população angolana, onde encontramos alguns subgrupos como: os Mbalundos, Wambos, Sele, Bieno, Sambo e Tchingolo. Porém entendemos que o estado angolano mantém relação com reino a fim de solucionar problemas comunitários, SUNGO (2015).

Dos reinos criados pelos Ovimbundu, o primeiro a formar-se foi o reino do Wambu, fundado pelo rei Wambu Kalunga, que geograficamente coincide com a actual região do Huambo (DILOLWA, 1978).

Depois da fundação do primeiro reino no caso o reino do Wambu, começou a expansão dos Ovimbundu para outras paragens do país, como informa Falner(1940):

No ano de 1650 o chefe Tchilulu saindo do Wambu fundou o reino de Tchiaka, vinte anos depois, Katekulu Mengu, vindo da região dos Bângalas, fundou o reino de Ndulo e em 1700, aproximadamente, o chefe Katiavala vindo da Kibala, fundou o reino do Bailundo (FALNER, 1940).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-IMPÍRICA

2.1 Origem do reino de Tchingolo

Alexandre (2016, p65), diz que os planaltos centrais foram um verdadeiro laboratório humano devido aos inúmeros encontros de populações de origens diversas.

Admite-se, certamente que uma grande parte das populações ovimbundo são descendentes de povos que fizeram a sua entrada pelo Norte de Angola, os Bakongos, e que os descendentes Bakongos foram os primeiros a instalar-se nos planaltos centrais. Mais tarde, a estes povos juntaram-se outros, vindo do Nordeste, Sudoeste e Sul de Angola. A prova destes encontros reside na língua umbundu, produto do Bantu-kongo e do Bantu-Lunda. No século XVII formaram-se Estados. Com eles provenientes da Lunda, talvez os Imbangalas de Kassanji.

Assim se formaram os principais reinos do planalto central no século XVII, com diversos satélites e menores na sua periferia. Estes reinos pequenos são nomeadamente Tchiaka, Ngalangui, Sambu, Tchivula, Tchipeio, Tchingolo, Tchikomba, Tchitata, Ekekete, Tchikuma e Kaluquembe (MUCUATXILAMBA, 2004). De acordo o mesmo autor, eram Estados mais pequenos, concentrados no sul do planalto, sendo que os reinos de Seles e de Kassongue situavam-se a oeste do planalto central.

Com efeito, foram muitos os movimentos internos que deram a actual configuração á zona etnolinguística umbundu. Segundo a tradição, o primeiro estado ovimbundo a formar-se no início do século XVII parece ter sido o reino do Wambu, fundado por Wambukalunga; depois constituíram-se os Reinos de Otchiyaka, Ngalangue, Tchingolo, Ndulu, Mbalundu, Viyè, entre outros.

O reino de Tchingolo está situado no município da caála, concretamente na comuna da catata, numa extensão de 381,75 km², com uma densidade populacional estimada em 10.458 habitantes, perfazendo 2.750 famílias distribuídas em 5 ombalas pequenas nomeadamente Catata—sede, Equevo, Nyambala, Ngimbu, e o próprio reino de Tchingolo.

Limita-se a norte com a Ombala de tchikualula, a sul com a Ombala grande de Tchicambi, a leste com a comuna do Cuíma e pelo curso do rio Kalay, a Oeste com a comuna do Cusse pelo curso do rio Kuando.

O reino de Tchingolo foi um reino segundo dados aproximados fundado em meados dos anos 1660 isto é do século XVI, por uma mulher que respondia pelo nome de Tchingolo.

Arainha Tchingolo era uma mulher proveniente da Ombala de Mbombo, província da Huíla, Município da Caconda, comuna do Gungui. Mbombo era o nome do irmão mais velho de Tchingolo, Rei da Ombala de Mbombo-Caconda-Huíla.

O reinado de Tchingolo estende-se de oeste por Caconda-Huíla, a nordeste com Longonjo(Tchiyaka), confinando a norte com os limites da Caála com a Ecunha, reino do Huambo, a este pelo do Sambo(Ulundu).

Tchingolo tinha ideias tendenciosas contra seu irmão, na Ombala de Mbombo em sua substituição, o que viria a culminar com possível golpe, Mbombo quando deu conta do que viria sofrer um golpe a ser organizado por sua irmã, pediu e aconselhou-a que fosse as pedras de Senje-Liambula, onde encontraria um bom espaço para poder organizar também o seu reino com a sua ajuda.

Para isso acontecer, Mbombo em contra partida tinha que oferecer a sua irmã algumas caveiras (Akokotos) para representarem tradicionalmente o poder, a linhagem e os rituais de uma Ombala, a partir de Kakuve-Huíla, localizada a leste da comuna do Gungui a quem do rio Kuando. Depois deste pacto tratado com seu irmão, Tchingolo veio passar a viver junto das pedras de Senje- Liambula, actual Ombala, onde organizou a sua corte. Porém naquela periferia da sua sede encontrava-se sempre um quilombo(acampamento) de um caçador que tinha vindo de Kilengues, que se dedicava na caça de animais, chamado de Walia-Kapunha(Cândido).

Todavia, o caçador todos os dias dava conta de alguém sempre a pisar sobre uma pedra localizada na montanha, hoje Ombala grande de Tchingolo. Certo dia, inquietado e comovido com o sucedido, para compreender esse movimento, procurou aproximar-se até ao local, onde encontrou uma mulher, mas que ao lado dela encontrava-se alguns crânios. O caçador indignado do acontecia, fez um cumprimento de cortesia e então perguntou-a de onde vinha, o que fazia ali e o que significavam os crânios.

Tchingolo em resposta explicou-se...terminando por dizer os crânios tinham um significado e representavam o seu poder. O caçador reconheceu esse poder que Tchingolo

exercia no reino, regressou no seu acampamento, tendo a partir dali ordenado aos seus seguidores que oferecem parte da carne de caça.

Walia-Kapunha pela formosura que apresentava a mulher, orgulhou-se gostando dela e pediu consentimento. Mas esta negou dizendo que muitos tinham já passado por ela com a mesma mensagem e não tiveram aceitação devido as diferenças de tribos.

O caçador não se compadeceu com esta resposta, assim procurou a origem real de Tchingolo, e esta respondeu que era proveniente da tribo de kilengues mas conhecido por (Vakuanhohã).

Foi assim que se encontrou o consenso de que todos eram da mesma tribo, havendo passividade da união entre eles. Depois das negociações conjugais entre Walia-kapunha e sua possível noiva, foram a Ombala de Mbombo onde se encontrava o irmão mais velho para fazerem o seu alambamento. O caçador aceitou e formalizou a sua união de facto com a rainha Tchingolo.

Regressados a corte de Tchingolo, o caçador decidiu mandar de volta os seus seguidores para a sua terra natal, levando consigo carne de caça e comunicarem de que já não voltaria para kilengues, por motivos de ter contraído o casamento com a rainha de Tchingolo.

A partir daí, Walia-kapunha, passou a viver na Ombala de Tchingolo passando a liderar o poder de sua esposa na solução dos problemas das comunidades. O casal viveu feliz por muito, e tiveram três filhos chamados: Nanfule, Nunda e Ngiloy Ngalo.

A primogénita (Nanfule) casou-se na Ombala de kandumbu e a última (Ngiloy Ngalo) com Kahiva sobrinho de Walia-kapunha, os quais tiveram muitos descendentes. Depois da morte de Tchingolo, walia- kapunha na companhia de seu filho Nunda decidiram regressar para sua terra natal, e que até ao presente momento nunca mais se ouviu falar deles.

Porém, na história do Reino de Tchingolo, efetivamente com gravidade da situação exigida pelos portugueses e tendo em conta as medidas enérgicas que se traduziram no avanço de três colunas militares contra os revoltosos sendo: a do Libolo, comandada pelo tenente País Brandão, que vence os principais chefes locais; a do norte, sob comando do capitão Massuno de Amorim, que seguiu para o Bocoio, Balombo e Luimbali, e a do sul , dirigida pelo capitão Teixeira Moutinho, que se concentrou em Caconda para ocupação do

planalto central do Huambo , finalmente fizeram a sua concentração em Tchingolo junto do rio Kalay (Cuíma).

A rainha Tchingolo na altura tinha realizado muitas negociações contra a guerra de resistência e ocupação colonial, se tivermos em conta os sinais que hoje encontramos ao redor da corte de Tchingolo que representam símbolos defensivos, barrados com pedras. Segundo algumas fontes orais ainda nos dizem que após estas negociações para travar a resistências, o reinado de Tchingolo havia oferecido aos portugueses uma cabeça de gado para que a sua sede não fosse alvo de combates, quando estes com as suas forças encontravam-se próximo do rio kalay, em direcção ao planalto central a corte de Kandumbo.(Huambo).

Segundo o ex-administrador comunal da catata Simão Chinduva(2023) diz ainda, Os estados Ovimbundus , embora os dados de que dispõe apontam para o facto dos mesmos terem sido constituídos muito antes do século XIX, são mais fáceis de descreve-los a partir dos anos de 1800, sobre tudo no que diz respeito aos estados de Tchingolo, Tchiyaka, Mbalundo, Ndulu, Ngalangi, Sambu, Viye e Wambo para além dos reinos não menos importantes como o de Caconda e outros.

A sede Tchingolo controla 2 ombalas grandes, sendo Tchikualula e Tchikambi, bem como 9 pequenas ombalas, 76 aldeias, com as respectivas autoridades tradicionais, dentre estas sobas grandes, sobas, seculos e seus ajudantes num total de 87, para além de outras ombalas do município que fazem parte deste reino.

2.2 Organização política no reino de tchingolo

Segundo KANDJO (2019, p 52, 74 e 95) diz que a sucessão em todos os reinos e impérios africanos foi sempre matrilinear e patrilinear com maior destaque o primeiro. É o caso do reino de Tchingolo apesar de ser um reino que durante o período colonial e de guerra foi bastante conturbado com os conflitos. E esta organização deve ser feita da seguinte forma: primeiro tem haver com o título que é: Tchingolo, que signifa rei, soberano, chefe do reino, e mais tarde acabaria por ser o nome do reino. Segundo, o seu sistema político é monárquico desde a sua fundação até aos dias de hoje; Terceiro tem um sistema de sucessão matrilinear como noutros reino e impérios sem se esquecer do patrilinear caso não haja na linhagem matrilinear.

A representatividade que Tchingolo implementou, para além de garantir a forma de uma soberania tradicional, de perpetuar a forma de organização centralizada, julgamos que deve ser entendida também como o começo da difusão do poder neste reino, uma vez que seus representantes respondiam como autoridades máximas nas respectivas regiões e eram vistas como tal por parte da população local.

Ainda segundo o Ex- administrador Simão Chinduva e porta- voz da Ombala na altura do nosso inquérito no mês de Janeiro (2023) dizia que a entronização do soberano na linhagem no reino de Tchingolo, o caso da comunidade vatchingolo, tem sido uma problemática das autoridades tradicionais em vários eventos. Entendemos que o poder tradicional é uma forma de gestão do poder político, geralmente exercido por uma figura de sucessão por linhagem e este tem sido o costume observado desde os séculos nas sociedades tradicionais africanas. A institucionalização do poder tradicional em Angola e o exercício da autoridade tradicional obedecem a uma forma de organização social, fundamentalmente da linhagem matrilinear e patrilinear. É possível alguém da linhagem patrilinear ser entronizado como rei de uma Ombala, pois o reinado é um processo que durante muito tempo esteve associado a organização das sociedades humanas.

No passado o reino de Tchingolo teve influência colonial fazendo com que perdesse a sua hegemonia tradicional no que concerne a sucessão, os colonizadores colocavam pessoas que facilitava o seu processo de colonização e exploração, e isto fez com que alterasse de certo modo a vida da Ombala, que só restabeleceu mais tarde depois da descolonização bem como após o termino do conflito armado, afirmou o porta voz Simão Chinduva (2023).

Ainda segundo o secretário do rei de Tchingolo de nome Graciano Tchipa (2023) numa entrevista concedida na altura do nosso inquérito, afirma dizendo que o reino de Tchingolo desde o ponto de vista de existência e tradicional é um dos reino mais antigo no planalto central, só que fruto do conflito e outros problema que assolaram a Ombala perdeu a sua hegemonia ou alguma consideração desde o ponto de vista tradicional e de existência, mas ainda assim em termos de poder tradicional é o mais poderoso afirma o secretário.

Por tanto entendemos nós que é necessário resgatar essa mística e o poderio deste grande reino uma vez que controla outras ombalas grandes como fez menção o Ex-administrador Simão Chinduva(2023), que são a Ombala de Tchikualula e a Ombala de

Tchikambi que jogam um papel muito importante desde o ponto de vista tradicional. Ela controla 15 crânios dos sobas que ali passaram, eis a razão da obtenção do grau de poder que possui.

Ombala é a capital do reino, onde se situa a residência oficial do soberano, rei chamado elombe. Não se pode fazer uma abordagem do reino sem ter o conhecimento do passado histórico que contempla a existência da Ombala, uma vez que surgem com a expansão do reino do Ndongo, transpondo o rio kwanza e rumando em direcção ao sul.

Segundo KANDJO (2021) diz: Ombala é o espaço de jurisdição, tida como local de uma determinada aldeia, de uma determinada região. Lá encontra-se o corpo central do poder local, onde se pode constatar (encontrar) os restos mortais e cranianos dos líderes anteriores (Akokotos). Por este facto é que o poder máximo é considerado de Soma Yakokoto.

Ainda de acordo com SUNGO (2015) citado por KANDJO definiu Ombala como a casa real, equivalente nos dias de hoje a palácio.

Isto serve de ponto de referência para o surgimento das demais ombalas é o caso do reino de Tchingolo que remonta desde os anos de 1660, tendo como as seguintes aldeias que asseguram as candidaturas; Sunguete, Ulola, Tchalondo, Ngimbu.

Assim passaram na Ombala de Tchingolo alguns soberanos desde a sua fundação até aos dias de hoje: 1º- Tchingolo a fundadora (1660), 2º- Walia –kapunha (1670) o seu sucessor e por considência marido, 3º- Epomba (1680), 4º- Handanga (1710), 5º- Kampu (1720), só para citar, até nos dias de hoje perfazendo 28º, e o atual soberano de Tchingolo é o senhor António Moreira o substituto de Tchimalana, isto é 1983 altura em que foi intronizado como rei de Tchingolo. Este teve alguns dissabores no mandato que ainda hoje se assiste, isto tudo porque em 1984 tivera sido raptado pelas forças da UNITA, quando essas violentamente atacaram a comuna da Catata, atingindo parcialmente a Ombala. O rei fez fuga na caravana das tropas da UNITA na região de Benguela, tendo-se apresentado na comuna da Catabola, de onde foi enviado para o município da Caála, o que originou o abandono da Ombala até 2002.

O soba António Moreira tinha o seu Epalanga (sucessor), o senhor Angelino Kawawa, natural de Tchalondo mas que este por ser um dos colaboradores directo da

UNITA, havia sido detido, ficando preso num ataque das forças das FALA, isto é no dia 19 de Maio de 1983, mas tarde teve a sua fuga para matas.

O actual Epalanga de António Moreira chama-se Marcial Tchimbili, mas devido a idade avançada agora vê-se incapacitado de realizar as actividades de sobado, e que só o tempo e linhagem sanguínea o decidiram.

2.3 Santuários do reino de tchingolo

Segundo o secretário do rei de Tchingolo de nome Graciano Tchipa(2023), diz que toda e qualquer Ombala tem locais sagrados, a Ombala de Tchingolo não foge a regra. Assim apresentamos alguns locais sagrados como:

Elombe (sede do rei);

Akokotos (crânios dos sobas já falecidos), é onde também se sepultam o resto do corpo de um soberano. É um espaço considerado sagrado por ser o cemitério dos soberanos do reino. O acesso ao mesmo obedece alguns rituais como acontece no Atambo, bem como a oferta de animais,

- a) Atambo (local onde jazem os crânios dos soberanos do reino, este local é considerado localmente de santuário tradicional);
- b) Ekualatata (local onde se prova a linhagem do entronizado);
- c) Mbalavela (local situado depois de Ekualatata e antes do Elombe, onde se instrui o soba durante uma semana antes de atingir a sede do Elombe, de onde derá ser transportado por uma senhora velha Ohulukãï);
- d) Guaritas do poder institucional da Ombala como: Muelessapi (Ulola), Vanguma,(Cambimbi), Equevo, Tchalondo,Njimbo,Cambula, Tchimbambala; estes é que têm poder de seleccionar o futuro soba.
- e) Olomemba (local onde cada soba deve ter a representação para quem herdou. sorte)
- f) Olanana (localidade onde estão sepultadas as mulheres dos sobas),

g) Kamunda kolombuale (local onde estão sepultadas as filhas dos sobas);

h) Kalundy (local onde estão sepultados os filhos dos sobas);

2.4 Actividades culturais do reino

Na cultura banta, por exemplo, Altuna (2006) refere que o ritual de iniciação coloca os principiantes em conexão com a força do mundo invisível e, acima de tudo engendra os princípios da religiosidade dessa mesma cultura. A iniciação na vida sagrada assegura a vida religiosa da pessoa e da colectividade, renova a antiguidade, garante a solidariedade, a paz eo entendimento, pelo facto de os iniciados como novos membros se alimentarem da verdadeira doutrina religiosa tradicional e de uma pura vida nova.

O reino de Tchingolo tem algumas actividades culturais sagradas da Ombala, que passamos a citar:

a) Eyele (festa que se organiza anualmente para dignificar o poder e dedicar as sementes para campanha agrícola)

b) Ondjevo (caça grossa que se organiza para determinar a sorte do soba em prol da sua comunidade),

c) Evamba ou Ekuenje (evento de circuncisão que o soba deve realizar periodicamente. Tchinganji);

d) Usso (evento das Mulheres e quem não passe por esta era chamada de Nacawoli e tinham como palhaços os Kavuilas, kavanje onde também participam os homens).

2.5 Corte do reino de tchingolo

Segundo SUNGO (2015,p 92), Acredita-se que os soberanos do Mbalundu , assim como de outros reinos são dotados de alguns poderes sobrenatural, do qual se servem muitas vezes para educar suas populações, de antever qualquer calamidade e pensar em mecanismos de prevenção, de cobrar destes o devido respeito e admiração , pois o domínio de tais práticas era e é privilégio daqueles considerados intermediários entre vivos e mortos, o que é, segundo a crença local, uma das funções de um rei.

A corte do reino de Tchingolo é composta pelas seguintes entidades:

1º- Soma-Inene- chefe da sede da Ombala; 2º- Epalanga que aplaca a ira do soba e futuro substituto; 3º- Kessongo-conselheiro do soba, (guarda costa); 4º- Kapitango-organizador dos tribunais (ekanga); 5º- Kaley- que toma e acompanha o soba nas suas saídas; 6º- Muecália-guarda das mulheres do soba; 7º- Kapiñgala- regente na ausência do soba; 8º- Katombela-Ministro , pessoa de destaque na tomada de decisões; 9º- Betatela- incentivador do soba (sobrinho); 10º- Longando- Juiz que toma conta da sentença; 11º- Mukutu ou Vakuatchissoko- que velam pelo cadáver do soba quando morre; 12º- Hendjengo- aquele que organiza os batuques; 13º- Muelessapi- aquele que toma conta da entrada na Ombala (entronização); 14º- Nunda- aquele que vela pelos akokotos; 15º- Tchitonga- aquele que toma conta da fogueira; 16º- Tchicakulo- aquele que vela pelos animais quando são mortos (protocolos); 17º- Somankuenje- aquele que organiza as circuncisões (evamba ou ekuenje) têm código waheno(quem não conseguisse responder a este questionário e outros era chamado de tchilima ou otchimote, embora circuncisado tinha que conhecer o tchinganji, (wassenguiwa), isto é não conhecer o tchinganji, embora circuncisado e os que conhecessem e respondessem a este código eram chamados de otchihengue ou octhilombola. 18º- Katumua- Homem dos recados; 19º- Muelevate- que vela pela higiene do soba; 20º- Nangandala- Menina que leva a cabaça do soba nas suas digressões; 21º- Mueletchalo- Mobilizador, aquele que porta a cadeira do soba; 22º- Ndaka- Mobilizador, aquele que chama gente para encontros de auscultação com o soba; 23º- Onganga- Feiticeiro que dá pragas aos que estão contra o soba; 24º- Tchimbanda- aquele que tem por missão defender as pragas.

2.6 Atividades económicas do reino de tchingolo

Segundo KANDJO (2019, p 79) diz:

Várias vezes chamamos atenção no sentido de podermos estabelecer uma lógica muito diferente. Sempre que houver rios, automaticamente devemos pensar na agricultura, na criação de gado, na pesca, na caça e só mais tarde em outros produtos não menos importantes). Assim sendo o reino de Tchingolo enquadra-se nestes pressupostos económicos que fizemos referencias.

Os povos da região de Tchingolo têm como actividade económica a agricultura, uma vez que constitui a base de sustentabilidade da mesma, onde encontramos (lavras e nacas), bem como a dedicação da pastorícia e criação de animais.

Também praticam a pesca artesanal, apicultura, o artesato, e a escultura de algumas peças que retratam o passado, e as novas gerações já na atualidade dedicam-se também aos pequenos negócios, para tentar satisfazer algumas necessidades.

2.7 Hábitos e costumes

Os hábitos e costumes são aspectos que caracterizam uma determinada comunidade, é caso da região do planalto central, caracterizado por: as três refeições durante o dia, (ongau, ondalelo, onanha), intercalando com alguns frutos silvestres e alguns tubérculos. Quanto aos casamentos são processados a partir dos consentimentos e alambamento, as danças, são típicas dentre o olundongo, okatita, onhantcha, olissemba, onissu, otchengue, para além de outros de âmbito do otchinganji, kaviula, e kavange,

Algumas práticas tendem a ser denigradas por novas modalidades buscadas dos meios de difusão massiva, invalidando o conselho de adultos, o que também se observa em algumas formas de uso alimentar, vestuário que por muitas das vezes colocam em causa hoje a saúde e dignidade de muitos. As autoridades mais destacadas que os sobas, séculos que são autoridades das comunidades para além de outras representações eclesásticas embora estas tenham mais aceitação perante a população fruto do cristianismo, ainda assim nota-se a preservação dos hábitos e costumes tradicionais na comunidade Tchingolo.

2.8 Relação do reino de tchingolo com outros reinos

O reino de Tchingolo tem relações de amizade, convivência com outros reinos pertencente a tribo ovimbundu, uma vez que eles interagem sobre os assuntos que preocupam as comunidades do planalto central fazendo com que encontrem soluções dos problemas. Eles estão interligados desde o ponto de vista do poder tradicional, principalmente em actividades consagradas abertura do ano agrícola, fazendo actividade do Eyele que é uma festa de poder tradicional que se realiza uma vez por ano pedindo bênçãos aos ancestrais para que haja boa produção nas comunidades. Ainda mantém relações em caso de uma outra autoridade tradicional errar com a comunidade, como foi o caso do rei da Tchiyaka de nome Lucas Mussete que não andou bem com a comunidade, em caso de morte

de um rei, cumprindo com os rituais tradicionais.

O reino de Tchingolo é um reino muito forte desde o ponto de vista tradicional.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos são caminhos que nos servimos deles para nos ajudarem a preconizar os nossos objectivos, desde os objectivos gerais e específicos até aos métodos para obtenção dos resultados a serem alcançados. Todo um e qualquer trabalho científico deve merecer aspectos metodológicos.

3.1 Entrevista

Assim usamos a Entrevista que segundo (GIL 1999 Apud OLIVEIRA, P.35), este método é bastante importante pois serviu-nos durante o nosso trabalho de pesquisa para adquirir informações sobre o reino, onde entendemos sobre a organização política do reino, bem como a sua função. Entendemos que este método ajudou-nos muitos para o alcance de certas informações a respeito do reino.

Também nos servimos do método de inquérito uma vez que depois das entrevistas que fomos fazendo, isto é, perguntas a população se dominavam sobre o reino isto é na localidade da catata, onde alguns afirmavam que tinham pouco conhecimentos sobre o reino e outros respondiam que conheciam por intermédio da transmissão de informações através dos mas velhos sobre tais assuntos.

3.2 Método crítico

Servimo-nos ainda do método crítico, pois para se alcançar uma certeza na investigação e aproximar-se da verdade histórica é necessário também este método, citando(João Sicato Kandjo e Nelson Lopes,ano2021,p59,Artigo Revista Cientifico-Pedagógica do Bié) . Este método ajudou-nos bastante na crítica de certos aspectos que achamos bastante importantes no acto da nossa pesquisa mas que não são divulgados, como é o caso da grande importância que não se dá ao reino em detrimento do reino do Bailundo uma vez que desde o ponto vista histórico e de poder é considerado o mais poderoso e com mais crânios(akokotos) de vários soberanos que alí reinaram desde a sua fundação e existência.

3.3 Método quantitativo

Usamos também o método quantitativo, que é um método que nos permitiu saber o número determinado de pessoas que tinham informação a respeito sobre reino de Tchingolo bem como do seu impacto na comunidade.

3.4 Método Estatístico

Análise percentual: segundo Zanella (2013, p40), permite controlar a frequência de eventos de uma determinada informação e converte-la estatisticamente em percentagem. Com este método foi possível determinar o grau de proximidade entre as informações colectadas relacionadas as questões de tipo aberta dos inquéritos aplicados.

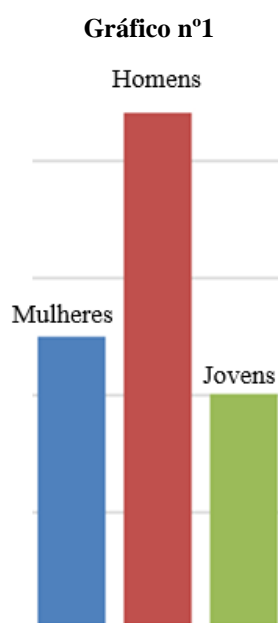
3.5 Caracterização da população

Para a presente pesquisa tivemos como público alvo uma população de mais velhos residentes na comuna da catata, onde estraimos amostra essencial para o nosso estudo, pois são eles que dotam de conhecimento acerca do assunto em abordagem, uma faixa etária que rondava nos 57 aos 65 anos de idade.

3.5.1 Caracterização da amostra

A amostra foi feita de forma selectiva, composta por 10 mas velhos, tal como se ilustra no quadro seguinte.

3.6 Distribuição dos sujeitos da amostra por género



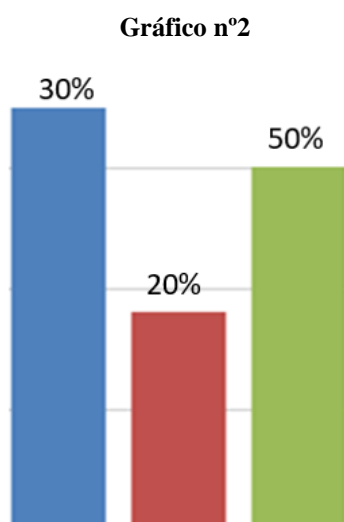
Fonte: (Autor, 2023)

4. DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Das entrevistas que fomos fazendo, isto é, perguntas a população se dominavam sobre o reino, outros afirmavam que tinham pouco conhecimentos, e outros respondiam que conheciam por intermédio da transmissão de informações através dos mas velhos sobre tais assuntos.

4.1 Nível de conhecimento sobre o reino

1. Já ouviu falar do Reino de Tchingolo?
2. Qual é o objetivo do Reino de Tchingolo?



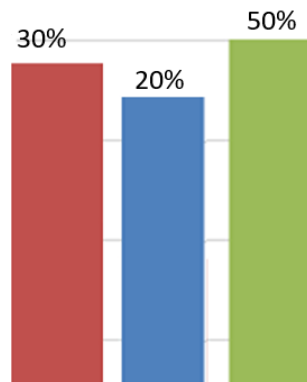
Fonte: (Autor, 2023)

Como podemos constatar no gráfico n°2, notamos que a maioria dos inquiridos 80%, preencheram o questionário ter conhecido o reino e 20% responderam não ter conhecido o reino.

4.1.1 Como os entrevistados adquiriram conhecimento sobre o reino

1. Qual é a importância do Reino de Tchingolo para a Comunidade?
2. Você acha que a comunidade valoriza o Reino de Tchingolo?

Gráfico nº3



Fonte: (Autor, 2023)

Conforme o gráfico nº3 ilustra, mostra que a maioria dos inquiridos revelam que adquirira o conhecimento acerca do reino mediante conversa com aciaões/ bibliotecas vivas e finalmente uns afirmam ter conhecido através de conversas/ curiosidades e outros declararam que adquiriram no seio familiar.

5. PROPOSTAS DE SOLUÇÕES

Apresentamos como proposta de soluções os seguintes itens:

- a)** Requalificação do reino de Tchingolo desde o ponto de vista estrutural, isto é construção do palácio do rei e casas de outros sobas da corte.
- b)** Mais divulgação do reino de Tchingolo através das suas tradições e todos aspectos importantes, desde a sua origem, as máscaras, o poder que ela tem nos órgãos de comunicação e não só, para o desenvolvimento socioeconómico da comunidade e do município em geral.
- c)** Exposição das actividades sagradas do reino em actividades culturais no município e na província em geral.
- d)** Exposição da imagem do rei de Tchingolo para o conhecimento da comunidade.

6. CONCLUSÕES

Portanto para terminarmos com esta temática sobre o fomento na divulgação do reino de Tchingolo que norteou o nosso trabalho no sentido de compreender e descrever a situação, considerado um dos maiores reinos dentro da etnia ovimbundu, procuramos perceber através das narrativas ou da tradição oral pois foi esta fonte que nos permitiu fundamentalmente argumentar a problemática central deste tema , isto é de que o reino de Tchingolo é uma instituição que possui desde a sua fundação(séc XVII), um poder político centralizado.

Abordamos ainda a questão da sucessão que é sem sombra de duvida matrilinear e com uma hipótese patrilinear, pois entendemos que são indicadores para uma identidade e soberania do reino, de seguida procuramos situar o reino, o que nos permitiu por um lado compreender as fronteiras do reino, é este conhecimento das fronteiras que permite aos ovimbundu se diferenciarem das demais tribos, como Nhanekas, Nganguelas.

Finalmente ciente do poder que as autoridades deste reino desempenham diante da população local e não só, e do conhecimento deste poder por parte do poder jurídico-administrativo, tendo analisado também as relações de poder que o reino manteve com outros reinos, assim como as propostas de soluções e contribuições que fazemos e os objectivos a serem concretizados neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa, **Cultura Tradicional Bantu**.Instituição Missionária, Pia Soc. Filhos de São Paulo Angola .2006

ALEXANDRE João (**Alguns subsídios de História de Angola**,(2016, p.76, 84)

APPADURAI, Arjun. Soberania sem Territorialidade: notas para uma geografia pós-colonial. Novos Estudos CEBRAP, n. 49, 1997.

DILOLWA, C. R. (1979). Contribuição à História Económica de Angola, 1ª Edição, Luanda, Imprensa Nacional.

KANDJO João Sicato, **Os impérios do (Ghana, Malí e Songhai**, 2019, p. 52, 74 ,95)

KANDJO João Sicato (**Artigo científico, revista angolana de ciência**,2021.

KI-ZERBO, Joseph. Metodologia e Pré-História Africana. Tradução do

Centro de Estudo Afro-Brasileiro da Universidade Federal de São

Carlos. 3. ed. Brasília: UNESCO, 2011

Linda Heywood,(**História política dos Ovimbundu**, 2000);

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996

MARCONI, Maria de Andrad. **Metodologia de trabalho científico**, São Paulo;Atlas1991.

KEITA, B. N. (2009). **História da África Negra**. Angola texto Editores.

MATOS, Patrícia Ferraz de. As Côres do Império: representações

raciais no império colonial português. Lisboa: ICS, 2006.

MUCUATXILAMBA, T. F. **História de Angola I** (Das origens até 1885). Antropologia. São Paulo: Ática, 1986.

MARTINS, João Vicente. Crenças Adivinhação e Medicina Tradicionais dos Tuchokwe do Nordeste de Angola. Lisboa: ISCSP, 1993.

GUILHERME A. Galliano 1977, **O método científico; teoria e prática**, São Paulo; Haper e Row do Brazil ,

IRENE Danielle **Roteiro de estudo de metodologia científica**. Brazil; Horizonte, 1980.

Entrevistados: 1-Simão Chinduva porta-voz do reino de Tchingolo.

2-Graciano Tchipa secretário do rei Tchingolo

3-O soba Óscar- comuna da catata

ANEXOS



ANTÓNIO MOREIRA



Fonte: (Autor, 2023)